

EDUCAÇÃO E SEUS DESAFIOS NO CAMPO

Mariza Rabelo Oliveira¹

RESUMO: A finalidade deste trabalho é abordar os desafios atinentes a educação no campo, por meio de uma pesquisa bibliográfica se tem o objetivo de consolidar a importância dos professores críticos, instrumentos capazes de transformar sua realidade educativa. A ideia deste artigo é demonstrar o distanciamento entre escola e comunidade, retratando a ausência de uma formação continuada relacionada a qualificação da prática dos professores.

Palavra chaves: Desafios. Educação do campo. Qualificação.

RESUMEN: La finalidad de este trabajo es abordar los desafíos a la educación en el campo, a través de una investigación bibliográfica se tiene el objetivo de consolidar la importancia de los profesores críticos, instrumentos capaces de transformar su realidad educativa. La idea de estos artículos es demostrar el distanciamiento entre escuela y comunidad, retratando la ausencia de una formación continuada relacionada con la calificación de la práctica de los profesores.

Palabra claves: Desafíos. Educación del campo. Calificación.

INTRODUÇÃO

274

A análise sobre as condições pedagógicas das escolas do campo são temas que nas últimas décadas estão progredindo. Isto pode ser visto em meados dos anos 2000, por meio da reorganização das políticas agrárias e consequentemente nas deliberações das Diretrizes Operacionais na Educação do Campo, derivados para a Educação do Campo, isto acontece em virtude de lutas por uma educação de qualidade feitas pelos movimentos sociais do campo. Nesta historicidade o movimento relacionado as forças produtivas situam, e coloca de um lado, a improdutividade da escola rural, expondo as raízes de práticas educativas deslocadas das necessidades do campo e ao mesmo tempo comprometido pelo projeto societário do capital. De outro lado, anunciam ou divulgam a elaboração e o desenvolvimento de um espaço educativo seja capaz de contribuir na formação dos filhos do campo, a partir da educação popular do campo.

A educação do campo é uma ressignificação da educação popular derivada do momento histórico proporcionando dizer que ela se constitui, dependendo de quem a faz e ao mesmo tempo de quem a formula com a educação Popular do Campo. O projeto de desenvolvimento agrário está abarcado pela necessidade do desenvolvimento brasileiro. Dentro do campo de suas

¹ Universidade Interamericana.

contradições, a lógica estrutural do Estado e a proposta dos movimentos sociais tencionam a escola, pondo em xeque a questão do que se pode fazer como prática educativa.

A partir dos anos 90, os camponeses brasileiros iniciam uma mobilização com o objetivo de construir políticas públicas organizadas. Nessa fase a educação do campo discutiu na esfera governamental. Lutam para o reconhecimento dos camponeses sem termos excludentes e cidadãos dignos de respeito.

2. EDUCAÇÃO

A história da educação brasileira apresenta distintas concepções sobre a educação infantil, principalmente no que tange a aquisição da escrita. Nem sempre a educação foi igual, a evolução e as transformações aconteceram ao longo do tempo.

A evolução da escrita é o progresso, no sentido de encontrar o instrumento perfeito para as necessidades de comunicação, observa que a escrita não segue necessariamente a via do progresso. (REGO, 2006)

A educação não é igual, segue as transformações do dia a dia, durante muito tempo e a forma em que se apresenta e evolui a cada dia. Durante muito tempo o espaço da Educação Infantil era vista apenas como um espaço de recreação e cuidado com as crianças, não sendo perceptivo que uma preocupação com o processo da aquisição da escrita.

Quando falamos de educação devemos lembrar que ela pressupõe um movimento de dentro para fora, mais precisamente no gênero humano. Daí a necessidade de investimentos nas nossas potencialidades internas. (BARRETO, 2004, p 12)

A escola, no sentido que a percebo, não.

Definiria as. Pessoas que pretende formar, mas abriria, a essas pessoas, possibilidades de formarem-se frente à sociedade de que participam, a sua família, e aos seus desejos individuais. De uma forma bastante resumida, tenho percebido uma. Redução da escola. (FERNANDES, 20, 15, p 90)

A escrita acrescenta ao homem a possibilidade de expandir sua memória, rever acontecimentos e refletir sobre eles. Permite, portanto, um maior domínio das suas ações, sua memória e uma nova forma de perceber e utilizar o tempo.

A função primordial da escola seria, para grande parte dos educadores, propiciarem aos alunos caminhos para que eles aprendam, de forma consciente e consistente, os mecanismos de apropriação de conhecimentos.

Assim como a de possibilitar que os alunos atuem, criticamente em seu espaço social.

Essa também é a nossa perspectiva de trabalho, pois, uma escola transformadora é a que está consciente de seu papel político na luta contra as desigualdades sociais e assumem a responsabilidade de um ensino eficiente para capacitar seus alunos na conquista da participação cultural e na reivindicação social.

O domínio da língua adquire importância enquanto instrumento de comunicação e expressão de ideias, pensamentos, sentimentos, bem como de acesso às informações, construção de visões de mundo e produção de conhecimento.

O desenvolvimento infantil segundo Vygotsky (1998) precisa levar em conta as necessidades da criança e os incentivos que são eficazes para colocá-las em ação. O seu avanço está ligado a uma mudança nas motivações e incentivos, por exemplo: aquilo que é de interesse para um bebê não o é para uma criança um pouco maior.

A educação não é igual, segue as transformações do dia a dia, durante muito tempo e a forma em que se apresenta e evolui a cada dia. Durante muito tempo o espaço da Educação Infantil era vista apenas como um espaço de recreação e cuidado com as crianças, não sendo perceptivo que uma preocupação com o processo da aquisição da escrita.

Quando falamos de educação devemos lembrar que ela pressupõe um movimento de dentro para fora, mais precisamente no gênero humano. Dai a necessidade de investimentos nas nossas potencialidades internas. (BARRETO, 2004, p 12)

276

As escolas são vistas nos dias de hoje como um local onde as crianças sairão alfabetizadas, elas assumem um papel na sociedade de modo que o processo de alfabetização vai além do simples aprender a ler. É importante que se tenha ciência do uso social da leitura e da escrita no seu dia a dia e as crianças agem de forma reflexiva dependendo de como o processo acontece.

2.1 Desafios Educativos no Campo

A educação nas palavras de Molina (2006), é política pública e não faz parte dos interesses do agronegócio porque esta dimensão territorial não está contemplada em seu modelo de desenvolvimento. O agronegócio é um importante setor para a criação de tecnologias voltadas para o aprimoramento dos diversos produtos de sua intrincada cadeia de processamento de mercadorias. As grandes empresas do agronegócio possuem articulações com as principais universidades públicas. A educação como política pública é fundamental para o aluno do campo.

A educação do campo, nos últimos tempos avança nos espaços de debate e pesquisa na

esfera pública, no desprendimento de construir uma metodologia que apresenta os aspectos rurais. Dando destaque as características próprias que demonstre a realidade. Existe um esforço de integrar a escola e a comunidade com o objetivo de conhecer a realidade com a qual a escola está inserida.

Martins (2013), aborda que os saberes da tradição e os saberes científicos podem conviver e se completar mutuamente. Um educador que incorpora a práxis humana e é fundamental para a construção da educação do campo, debate a relação do senso comum como a ciência. Continua em mim o respeito intenso à experiência e à identidade cultural dos educandos. Isso implica uma identidade de classe dos educandos.

Tanto na educação como na pedagogia no campo, parte-se da particularidade e na singularidade de cada realidade entre homens e mulheres que produzem suas vidas no campo.

A educação do campo, nas últimas décadas avança nos espaços de pesquisa sobre escola pública, no esforço de construção de uma metodologia que de conta dos aspectos pertinentes à esfera rural, dando ênfase as características próprias de cada realidade, para tanto, se faz necessário um esforço de integração entre escola e comunidade, com o objetivo de conhecer a realidade a qual a escola está imersa.

Martins (2013), aborda que os debates sobre a interdisciplinaridade, da transdisciplinaridade e do rompimento rígido das fronteiras entre as diversas áreas do conhecimento também devem se apresentar como alternativa para uma educação do campo. 277

2.2. A fragilidade da Alfabetização e do Letramento na escola do campo

O conceito de letramento e diferenciando-o do conceito de alfabetização, exemplifica algumas práticas de oralidade como letradas. Na ideia propagada por Rocha (2015), podemos afirmar que as práticas que circunstanciam a escola são práticas eminentemente letradas.

Outro elemento contraditório no cotidiano escolar, no que tange o desenvolvimento da Educação Popular do Campo, está na problemática das relações que se estabelecem entre alfabetização e letramento dos sujeitos envolvidos no processo ensino/aprendizagem na escola. Neste processo, compreende-se que a investigação sob estas relações na prática dos professores pode apresentar como um caminho de contribuição no processo de desvelamento de práticas não adequadas as necessidades de alfabetização e letramento dos sujeitos, possibilitando conjuntamente na consolidação de conhecimentos mais orgânicos a escola.

Para o desenvolvimento desta proposta, apresenta-se a necessidade da apreensão

conceitual de alfabetização e letramento pelos sujeitos da escola, distinguindo os dois processos em suas particularidades e estabelecendo as relações entre os dois.

O grande desafio da escola na busca de uma nova concepção de alfabetização é possibilitar o processo de letramento junto à aquisição da escrita, para que se possa assumir um papel mais significativo e ir além das palavras e frases. É buscar um processo que possa produzir sentido e significado na formação do sujeito crítico e com poder de participação social. Torna a escola um espaço de potencialização. É inegável a importância do domínio da língua, fundamental para participação efetiva do sujeito na sociedade, justamente por ser veículo de comunicação, informação e de conhecimento. É necessário que os sujeitos conheçam as funções e necessidades da língua. (ANDRADE, 2011, p. 23)

O que significa, que quando este movimento prático/reflexivo é assumido efetivamente na práxis educativa é possível proporcionar um salto qualitativo no processo de alfabetização, bem como, na totalidade do processo educacional. O conceito de alfabetização abrange um tempo/espaço específico, principalmente quando se desenvolve no cotidiano das séries iniciais do ensino fundamental.

Compreender a alfabetização em seu sentido amplo na escola é uma necessidade quando a perspectiva do papel da escola é contribuir no processo de emancipação humana dos sujeitos. Esta caracteriza a perspectiva do trabalho de investigação-ação, que vem sendo desenvolvido nas escolas citadas. Assim, no movimento reflexivo é necessário evidenciar o conceito de alfabetização que embasa a proposição investigativa nas diferentes realidades que vem sendo trabalhadas, considerando suas especificidades, todavia tendo uma linha de ação coerente com a emancipação dos sujeitos envolvidos.

278

Embora a aprendizagem da língua escrita tenha início fora da escola, deve encontrar nela o espaço de sistematização, provocação e ampliação desta construção para que o sujeito alvo possa perceber a extensão dos conhecimentos adquiridos no seu entorno de forma significativa e real, num espaço onde as demandas apresentadas sejam os pilares do trabalho pedagógico. Para tanto, saber o que é letramento e sua importância junto ao processo de alfabetização, torna-se necessário para que sejam proporcionadas aos sujeitos situações pedagógicas para aquisição do domínio. (ANDRADE, 2011, p. 27)

O processo de inserção na escola, realizado neste primeiro momento, suscitou hipóteses sobre a fragilidade da relação entre alfabetização e letramento e que serão aprofundadas sistematicamente, através da coleta e análise de dados dos projetos na escola. Uma das hipóteses evidenciadas junto ao quadro de professores é de que os conhecimentos trabalhados por eles em sala de aula não estão vinculados coerentemente com a vida dos estudantes. Sendo afirmado, entre as reflexões coletivas, que a realidade em que vivem não é problematizada, pois não se faz a relação dos conhecimentos gerais com as condições concretas de vida dos estudantes, resultando num movimento contrário, que se expressa no reforço da lógica de construção do

conhecimento na perspectiva da hegemonia da sociedade. Outra possibilidade de demonstração da fragilidade entre letramento e alfabetização é o próprio desconhecimento, por parte dos professores, dos métodos e técnicas de ensino na alfabetização.

A alfabetização para aqueles que ainda não decodificam o mundo letrado é uma forma de alcançar uma velhice bem-sucedida. A alfabetização consiste na aquisição da leitura e da escrita (decifração de código) mas essa alfabetização deve ser vinculada a um letramento que é o uso da função social da escrita. (CORDEIRO, 2013, p. 34)

Parece haver uma naturalização ou simplificação dos processos de construção de conhecimentos, e por consequência uma mecanização no processo de ensino. Como se todas as crianças aprendessem ao mesmo tempo e da mesma maneira, sem necessariamente serem estimuladas e preparadas para isso. Há ainda a hipótese de que os professores não articulam o currículo geral da escola com sua prática de sala de aula, não conseguindo estabelecer o diálogo para traçarem conjuntamente estratégias e táticas que desafie as crianças a aprender, tornando o processo de ensino/aprendizado não mecanizado, mas um processo complexo, contínuo e estimulante. Considerando ainda, e antes de tudo, as condições concretas em que se encontram as escolas, desde a sua estruturação até a sua relação com os outros órgãos do sistema educacional, é possível afirmar, que o espaço escolar, pode ser fortemente influenciado pelos sujeitos que o fazem no dia-a-dia. Contudo, a autonomia desses sujeitos precisa ser coletivamente construída como um processo de resistência, onde estes tomem nas mãos o desafio de construir a escola e construir conhecimentos juntamente com a comunidade.

279

Evangelista (2017), afirma que é comum na atualidade a relação da educação do campo, no meio acadêmico aparecem algumas interpretações preocupadas apenas com a conceituação das categorias educação e campo, analisando as pelo viés ideológico com fundamento na metafísica como se os sujeitos do campo pudessem ser pre definidas.

É preciso para isso, uma mudança na postura de professores e gestores da escola. Os professores precisam se fortalecer no grupo em que se encontram, refletindo coletivamente as suas práticas, traçando estratégias de qualificação das mesmas. Estratégias essas, entre outras, que podem significar a definição das demandas de sua própria formação, a partir da delimitação das contradições que constitui o cotidiano da escola.

O que basicamente se denomina e entende por alfabetização e letramento? A alfabetização refere-se à aprendizagem de um conhecimento notacional: a escrita alfabética, o que seria um sentido de alfabetização. E o letramento é um processo mais amplo de aprendizagem da língua portuguesa refere-se à aprendizagem da linguagem que se usa para escrever. (TRAVAGLIA, 2014, p. 56)

Esse mesmo autor, compreende que a Educação do campo, é necessário para compreender

o atual estado de coisas, movimento rei de sua transformação numa ótica de movimento rela de sua transformação. A educação do campo e tem seu espectro de ações desde a particularidade quando nasce da experiência de classe.

2.3. Os Saberes: o desafio da formação de professores no campo

A reflexão sobre este eixo investigativo possui como objetivo uma educação comprometida com as necessidades da realidade dos educandos, conforme já evidenciado anteriormente. A educação pode dar um passo para a construção de uma nova sociedade, se ensinar as pessoas sobre outro paradigma educacional, no qual a visão de mundo estabeleça relações com a diversidade humana, dotando os sujeitos de generosidade epistemológica, considerando a grandeza que consiste na riqueza de conhecimentos produzidos pela humanidade.

Nas palavras de Stoubaus (2004), a educação pressupõe propor modificações significativas da instituição educativa e do que nela ocorre, isto quer dizer que é importante e necessário introduzir modelos de atenção diversidade nas estruturas da organização e revisar toda a organização em instituições educativas e do que nela ocorre, quer dizer, é necessário introduzir modelos de atenção à diversidade nas estruturas da organização e revisar toda a organização em instituições educativas.

280

Ainda em suas reflexões aponta que a educação do futuro deverá se comprometer com a ética universal, estabelecendo sentimento de solidariedade e coletividade, atitudes comportamentais, comunicativas e emocionais. Para isso, são necessários outros saberes, capazes de potencializar o planejamento, a organização do currículo, a pesquisa, a organização dos grupos, a solução de problemas, a relação com a comunidade, as atividades antropológicas, etc. A partir desta perspectiva que o diálogo, junto ao quadro de professores envolvidos nesta pesquisa, denuncia a plena consciência de limites no processo de construção de saberes necessários para o desenvolvimento de uma prática educativa comprometida com a formação integral dos sujeitos.

Um dos maiores desafios ao sistema educacional brasileiro é o de garantir às pessoas com necessidade educacionais especiais o acesso à educação com qualidade. (CARDOSO, 2008) Sendo evidenciado, entre outras, três situações centrais que interferem na qualidade dos processos educativos, primeiro, o desconhecimento da totalidade das relações históricas socioeconômicas, políticas e culturais, que constituem a realidade camponesa, resultando no

cotidiano da escola a formação de uma “lacuna” de conhecimentos necessários para o processo de organização de métodos e conteúdos articulados a realidade local; segundo, a baixa remuneração da carreira como um dos limites para o acesso a trocas de experiências capazes de contribuir no processo de desenvolvimento de teorias e práticas educativas adequadas as necessidades dos alunos; e terceiro, a negligência dos processos de formação continuada, que buscam a formação dos professores sem a abordagem das contradições vivenciadas no “chão da escola”, isto é, sem o desafio de desenvolver um processo efetivo de reflexão sobre a práxis cotidiana realizada pelo professor.

No que tange os saberes necessários aos professores do campo, é importante salientar que a temática da reforma agrária, o papel do Estado e das instituições por ele geridas, incluindo sua historicidade e seu enraizamento no projeto desenvolvimentista da sociedade globalizada, se apresentam como incógnitas para os professores. Estando estes, a mercê de propagandas e informações que representam a intencionalidade do capital globalizado, em um movimento que reafirma cotidianamente a escola do campo, como um espaço educativo comprometido com a lógica organizativa da exclusão, alienação e exploração dos camponeses.

Antes de explorar as contribuições dos professores, cabe lembrar que o desafio fundamental do ensino é a busca de interfaces no conhecimento curricular e no mundo de conhecimentos e práticas vivenciadas no cotidiano sociocultural dos alunos. A construção do conhecimento é sempre do sujeito, mas não só dele; o conhecimento se constrói por uma mediação social que pode estar mais ou menos presente. Na situação de ensino, há necessidade da ação mediada do professor. (MULLER, 2007,)

Processo que se ratifica na verificação de uma proposta educativa casada com a produção de conhecimentos desconectados da realidade camponesa, regida por um currículo urbanizado e desenvolvido através de práticas bancárias. Ainda é possível observar que a ausência dos conhecimentos sobre a engrenagem socioeconômica, política e cultural do sistema capitalista, entre outros fatores, situam a base das relações hierarquizadas desenvolvidas na escola, desencadeando entre outros fatores, a negação da cultura e da realidade local, como forma de qualificação das práticas de ensino/aprendizagem, mantendo a proposta pedagógica distante dos saberes historicamente produzido pelo campesinato.

Retomando a percepção dos professores sobre os desafios e espaços da formação, ratifica-se a necessidade de as escolas assumirem a superação deste dilema, como um dos grandes desafios do coletivo. Compreendendo a formação continuada dos professores como um espaço

de articulação entre os dois modelos, estabelecendo reflexões que encontre base nos conteúdos e métodos do campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aprendizagem é considerada como um processo de transformação do comportamento que é apreendido através da experiência, dos fatores emocionais, neurológicos, ambientais e relacionais, que acabam sendo a interação entre as estruturas mentais e o meio ambiente ao qual ele está inserido sendo relevante considerar os conceitos culturais e os que eles acreditam serem corretos.

É comum diante do processo de aprendizagem encontrarmos alunos que ficam paralisados diante desse processo. O termo dificuldade de aprendizagem sempre foi muito discutido entre os profissionais envolvidos no que tange a área da educação.

As dificuldades de aprendizagem são quase sempre associadas a problemas de outras naturezas, principalmente nos aspectos emocionais e comportamentais, de modo geral as crianças com dificuldades de aprendizagem e de comportamento são caracterizadas como menos envolvidas no dia a dia e nas tarefas escolares.

Esta reflexão indica que a escola do campo perpassa por limites históricos e sociais, que precisam ser evidenciados e problematizados junto à comunidade, com vistas à reavaliação e transformação das práticas educativas identificadas com o projeto de desenvolvimento pautado nos interesses do sistema capitalista. No que se refere à relação escola/comunidade, considerando os limites estruturais existentes, apresenta-se como desafio para escola, o repensar sobre a potencialidade destas relações no processo de ensino/aprendizagem. Sob uma perspectiva que possibilite, a comunidade escolar como um todo, desvelar a realidade que a cerca. Observamos ainda, que ampliação dos espaços de participação efetiva da comunidade nas decisões da escola pode constituir, como um elemento de fortalecimento, tanto do processo educativo, quanto das relações entre escola/ comunidade. Com relação à alfabetização e letramento percebe-se que continua sendo bastante ausente no conjunto da escola está conceituação entre os professores, bem como, é ausente a relação entre estes conceitos. Ao mesmo tempo, os professores demonstram abertura para o novo, o que aponta para a potencialidade da escola nesse sentido, do anseio de sua qualificação, a partir da consciência e da busca da resolução de seus próprios problemas.

A escola, neste processo, oferece como um espaço rico de possibilidades de rompimento

com a lógica da educação hegemônica. Mas para isso, é reiterada a necessidade da mesma se colocar como sujeito fundamental do processo de construção da educação. Na atualidade, não há espaço para a escola ficar de braços cruzados diante do desafio que é educar crianças, jovens e adultos. Assim, para a construção de uma educação dos trabalhadores, é preciso que a escola assuma a criticidade, que faça suas próprias questões, e busque, junto ao enfrentamento das condições estruturais de trabalho, refletir, discutir e incidir sobre as decisões dos rumos da educação no país.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANDRADE, Ana. **Alfabetização e Letramento: O desvelar de dois caminhos possíveis**. Jundiaí: Paco editorial, 2011.

ARANA, Denise Francisco. **Ações, reflexões e desafios na formação do pedagogo na contemporaneidade**. Novo Hamburgo: Feevale, 2010.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Avança Brasil: Proposta de governo**. Rio de Janeiro: Centro edelsteins de Pesquisa social, 2008.

CORDEIRO, Daniela Cristina de Lima. **Memoria, Alfabetização e qualidade de vida**. Belo Horizonte: Universidade de Ciências humanas, sociais, 2013.

DUARTE, Lia Cupertino. **Lobato, Humorista: A construção do Humor nas obras infantis de Monteiro Lobato**. São Paulo. Unesp, 2006.

Evangelista, José Carlos. **Direito à educação no campo**. São Paulo: Appris, 2017.

MARTINS, Aracy Alves. **Educação do Campo: Desafios para formação de professores**. São Paulo: Autentica, 2013.

MARTINS, Edna Julia Scombatti. **Diferentes faces da educação**. São Paulo: arte e ciência, 2001.

MASINI, Elcie F. **Psicopedagogia na escola**. Rio de Janeiro: Loyola, 1994.

MACHADO, Lourdes Marcelino. **A educação inclusiva na legislação do ensino**. São Paulo: M3T, 2007.

MORETTO, Vasco Pedro. **Prova. Um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas**. 9ª. Edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.

MOLL, Jaqueline. **Os tempos da vida nos tempos da escola**. 2 edições. Curitiba: Penso, 2013.

MOSQUERA, José Mourino. **Educação especial em direção à educação inclusiva**. 2 edições. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

- MULLER, Tania Maria Pedroso. **Uma professora muito especial**. Rio de Janeiro: 7letras, 2007.
- MOLINA, Mônica. **Educação do Campo e Pesquisa**. Brasília: Ministério do desenvolvimento Agrário, 2006.
- ROCHA, Helenice Bastos. **Ensino de História em questão: cultura histórica**. Rio de Janeiro: FGV, 2015.
- STABAUS, Dieter. **Educação especial em direção à educação**. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.
- STABAUS, Claus Dieter. **Educação Especial em direção à educação inclusiva**. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 2003.
- TRAVAGLIA, Luis Carlos. **Na trilha da Gramática: conhecimentos linguísticos na alfabetização e letramento**. São Paulo: Cortez, 2014.